

João Pessoa - Número Dois - Novembro de 2000

Imagens contemporâneas do medo urbano ^[1]

MÁRCIO DA CUNHA VILAR ^[2]

*Aluno do Curso de Graduação em Ciências Sociais
Pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia da Emoção - GREM
CCHLA - UFPb*

Este trabalho fundamenta-se na percepção de mudanças ocorridas nas últimas décadas, relativas ao crescente temor que habita as regiões urbanas na sociedade contemporânea^[3]. Os meios jornalísticos (televisão, rádio e imprensa), a literatura e a convivência cotidiana dos cidadãos que compõem os centros urbanos, vem denunciando o temor da população neste final de século/ milênio. Este estudo etnográfico visa compreender as atuais vivências do medo na sociedade brasileira urbana contemporânea, tendo como caso o Porto do Capim, localizado no bairro do Varadouro, situado no centro histórico da cidade de João Pessoa - PB^[4].

Segundo Oliven (1995), *"É através da observação participante (ou da participação observante) que se tem a possibilidade de analisar, por exemplo, a dimensão da dominação no cotidiano e perceber como a cultura reflete e medeia as contradições de uma sociedade complexa, procurando estudar a cultura não como algo externo mas como fenômeno que é produzido pelos homens nas suas relações sociais"*.

Considerando esse princípio, a experimentação etnográfica procurou desenvolver um relacionamento dialógico entre o pesquisador e as pessoas pesquisadas. Desenvolvendo, dessa forma, uma preocupação de buscar tal relação dialógica como o faz Cardoso de Oliveira (1998) em um recente livro, procurou-se fazer um reconhecimento do Porto do Capim a partir da narrativa oral de alguns de seus moradores, basicamente, a partir de conversas. O eixo da conversa - sugerido pelo pesquisador - era, basicamente, a comparação entre como as coisas eram e como são agora, no Porto do Capim, nos dias de hoje. Um bom marco temporal para essa experiência foi a reforma do Centro Histórico, começada recentemente há alguns anos e que, de uma maneira ou de outra, tem acontecido muito próximo ao Porto do Capim - quando não dentro dele mesmo, com a reforma (ou ainda como projeto) de um ou outro prédio histórico. No entanto, entende-se que a abordagem etnográfica parece consistir em não apenas direcionar a conversa mas, pelo contrário, de forma complementar, em alguns momentos é importante se deixar levar pelo discurso das pessoas e da observação de suas relações, a fim de que, de alguma forma, colocando elas e suas relações *"no quadro de suas próprias banalidades"*, à maneira de Clifford Geertz (1989) - tentando me situar entre elas...-, seja possível conhecê-las melhor^[5]. De qualquer forma, parece uma atitude válida, pelo menos em termos de experimentação, para uma aproximação de uma relação dialógica, já acima citada.

Acredita-se que, dessa maneira, seja mais acessível a apreensão do fenômeno da mudança social. A partir daí, simultaneamente, estamos tratando no que consistiu essa mudança para algumas pessoas da comunidade estudada e, também, de que forma as estamos entendendo. No caso, tal como para Ecléa Bosi (1994), as pessoas abordadas pela pesquisa foram, neste primeiro momento, em sua maioria, pessoas de idade avançada, que ainda trabalham ou não, mas que vivem lá há muito tempo e, portanto, provavelmente conhecem bem a região.

A fim de que se possa conhecer um pouco sobre o Porto do Capim (ou melhor, do modo como tem sido encarado pela pesquisa), segue abaixo um trecho de um primeiro relatório de reconhecimento geral, realizado no fim de maio deste ano (2000), num dia de domingo, a partir de uma visita e de longas conversas com alguns trabalhadores e freqüentadores do local.

* * *

Há uma profunda organicidade nesta região pobre e esquecida - pois esquecida sócio-economicamente após seu declínio comercial -, neste trecho da "Cidade Velha". O Porto do Capim é uma "comunidade", uma espécie de vila onde todos se conhecem e muitas vezes partilham publicamente, de maneira voluntária e/ou não, seus problemas particulares com alguma parte da coletividade. Porém, essa comunidade está situada num contexto eminentemente urbano.

Assim é que uma mulher, chamada Márcia, que passava pela rua, se aproxima com seu filho que segurava pelas mãos, de Seu Alagoas e lhe diz sobre o marido (ou ex-marido - seja como for, pai dos filhos) de sua irmã, contando que ele quis arrombar a porta da casa, bêbado, pelas 4 horas da madrugada. Ele, que gritava que queria ver os filhos, só foi embora quando ela ligou para a polícia. Também se queixou que ele tinha uma cisma com ela, por achar que ela colocava coisas na cabeça de sua irmã, em detrimento de sua moral. O que me chama a atenção, na verdade, é que ela, sem nunca antes ter me visto, expõe um grave problema privado, particular, familiar, em minha presença. Mesmo não estando se dirigindo à mim, talvez sequer indiretamente, mas a uma pessoal que (acredito) lhe era de plena confiança - além de um orientador da comunidade, que a já conhece (falo de Seu Alagoas) - é uma atitude difícil de se ver em algum local tipicamente classe média. Ao contrário, as pessoas que passam por Seu Alagoas parecem falar bem a vontade, não se inibindo em contar fatos pessoais quando estes os importunam.

O Porto do Capim é, à primeira vista, uma localidade facilmente delimitada. Situa-se: à leste e ao sul da margem do Rio Sanhauá, em contato direto com o mangue, hoje significativamente poluído; à oeste das praças Pedro Gonçalves e Anthenor Navarro, que, praticamente, formam o Centro Histórico recém reformado; ao norte de um centro comercial muito movimentado, caracterizado, principalmente, pelo comércio de serviços e peças automobilísticas, onde também se localiza a ferroviária e a rodoviária da cidade. Não há uma distância física significativa com esta pequena região, encontrando-se ela "lado-a-lado" com tais referências geográficas.

Há um pátio de tamanho médio (uma área irregular com um diâmetro aproximado de 15 à 20 metros) por onde passa duas linhas ferroviárias: uma delas, já desativada há algum tempo, já está razoavelmente coberta; a outra está funcionando regularmente e passa, praticamente, pelo meio deste pátio. O Porto do Capim já fora um importante centro comercial e industrial de João Pessoa. Lá eram descarregadas boa parte das mercadorias que abasteciam a cidade. Tem esse nome porque os soldados do exército iam lá buscar a ração (*capim*) que alimentava os burros do quartel. Logo, os homens do quartel iam "*lá no Porto do Capim*"... Dentro do mangue que parcialmente a circunda, há restos da base de uma construção que, se não fosse pela negligência e desvio de verbas dos administradores, certamente teria mudado decisivamente a história da cidade - as obras de um grande porto não foram concluídas devidamente. Isso ocorreu durante o governo do presidente Epitácio Pessoa que, ao tomar conhecimento, jamais voltou ao Estado da Paraíba. Era um projeto muito audacioso. Lá, havia também duas grandes fábricas e uma outra de porte médio.

Nesta localidade, já houve um movimento de trabalhadores organizado e já fora antes mais povoado, quando aquele trecho ainda tinha grande importância para o comércio geral da cidade. Ainda hoje existe o prédio do sindicato, onde alguns trabalhadores da área, que vivem noutros bairros, podem dormir. Com os fechamentos dos armazéns, dos depósitos e das fábricas, houve uma certa dispersão e, provavelmente, uma interrupção de investimentos na área - uma vez que agora já não era interessantemente econômica. Houve um esquecimento - isto é bastante visível. A população atual é constituída tanto de pessoas que vieram do interior quanto de pessoas que nasceram e foram criadas na capital. Uma personalidade antiga da área, Seu João Araújo, morava do outro lado do rio, mais perto de Bayeux e Santa Rita do que de João Pessoa. Após a grande cheia de 1947 ele foi obrigado, quando tinha 17 anos e junto com toda sua família, a vir para as margens da capital. Segundo ele, as pessoas de sua antiga comunidade, encurraladas pela água, foram, com essa grande cheia, jogadas para diversas direções e ele, por sorte, veio parar aqui. A parte urbanizada (calçada) da área do Porto do Capim restringe-se ao espaço dos antigos depósitos de mercadorias que chegavam. De modo apertado, entre a margem do mangue e o final dos prédios antigos, numa rua estreita, estão as casas e barracos precários onde os moradores habitam, formando praticamente uma favela.

Apenas uma das fábricas grandes funciona hoje em dia: a Matarazzo. Há uma história interessante sobre este industrial: seu filho cometeu um crime nos Estados Unidos e foi sentenciado à morte. Matarazzo, o pai, ofereceu aos EUA uma estátua de ouro, com o peso equivalente ao peso do filho (80 Kg) em troca da suspensão da sentença e do seu retorno. Mas o Estado norte-americano negou. Assim, o pai enlouquecido pelas "desgraças" de seu filho, antes de morrer, colocou uma estátua próximo à fábrica, que está lá até hoje.

No Porto do Capim, recentemente, chegaram duas igrejas evangélicas. Parece que uma considerável parte da população se converteu, passando à frequentar à igreja e, conseqüentemente, a não ingerir bebidas alcólicas. *"Antes todo mundo bebia mais, hoje em dia metade continua bebendo e a outra parou, porque são evangélicos"*, diz Seu Alagoas. Também, vez por outra, já exploram o local repórteres da TV e pesquisadores. Fazem reportagens sobre o mangue poluído e outros assuntos. Quanto à reforma do Centro Histórico, para aqueles trabalhadores, não foi sentido impacto. "Continuou a mesma coisa", dizem. Porém, antigamente era possível se embriagar e dormir na rua à noite, sem problemas. Hoje em dia, não é possível. E isso não lhes parece bom, já que em certas oportunidades era bastante conveniente. (Talvez, quando se estava embriagado e não queria retornar à própria casa, dormia-se na rua mesmo). Hoje em dia, isso não acontece devido à polícia e ao risco de ser assaltado.

O Porto do Capim é vista por seus moradores como um lugar da cidade muito calmo, bastante simples e pacato. Não há grandes coisas por lá, dizem, não há nada de mais. No entanto, reconhecem que para as outras pessoas, as de fora do trecho, todo o local parece muito perigoso e, em boa parte por isso, existe uma baixa circulação de pessoas que não fazem parte da comunidade. A "fama" do Porto do Capim é de que é um local perigoso, cheio de assaltantes e refugiados. Porém, na verdade, seria justamente o oposto, segundo moradores. As pessoas com quem falei, todas, tinham essa opinião e defendiam que, na verdade, os bairros mais perigosos da cidade eram Mandacarú e Alto do Mateus, e não o Porto do Capim, como temem. Eles defendiam este ponto de vista como pessoas que já conviveram nesses outros bairros. Seu Alagoas passou muitos anos morando em Mandacarú. Tinha, durante todos os dias, que ir para o Porto do Capim trabalhar, e ia com medo.

* * *

O Porto do Capim não é, porém, um lugar desértico. Pelo contrário, ainda há intenso tráfego e, segundo algumas pessoas, o movimento tem crescido devido à reforma do Centro Histórico. Grande parte dos prédios fora abandonado, ainda assim, boa parte tem sido sub-aproveitada. Há comércio, há muitas oficinas e uns dois ou três bares. Há, também, muitas crianças brincando na rua, e pessoas passando de um lado para o outro. Há mais casas de concreto do que de taipa. Não se tem certeza se tantas pessoas se converteram às igrejas que para lá se instalaram. Existem outros pontos de vista, outras conversas... Trata-se, na verdade, de uma sociedade muito complexa. Após outras visitas, outras pessoas, outras paisagens, foi-se conhecendo mais sobre a vida dessa população ribeirinha; que não é uma favela, é o Varadouro, bairro histórico de João Pessoa onde a cidade nasceu - como algumas pessoas gostam de dizer.

Mas, afinal, o medo também habita o Porto do Capim. Por quê não habitaria? Trabalhos sobre mudanças urbanas, como os de Bresciani (1985, 1994) ou de Sevcenko (1985, 1994), parecem mostrar a vivência do medo, do temor, do receio, em diversas sociedades. Parecem mostrar, ainda que não o tomando como tema central, o medo como elemento histórico e, portanto, socialmente construído e delineador de certos caracteres sociais. Mais a fundo e explicitamente, Delumeau (1989) contrasta o medo humano do medo animal, e uma dessas formas é observando um peso ideológico na configuração do medo na sociedade do Ocidente. Nesse sentido, uma referência fundamental é o estudo de Marilena Chauí (1986), intitulado "*Sobre o medo*".

Este trabalho consiste em formulações de significados socialmente estabelecidos, comuns e históricos à comunidade do Porto. No caso, como já dito acima, foram interpretadas as narrativas orais e a experiência etnográfica como experiência vivida e testemunhada, em dias e horários diferenciados, a fim de identificar os diversos medos que permeiam o cotidiano dessa comunidade. Como experiência, como uma complementação metodológica, foram tiradas algumas fotografias no Porto do Capim, e junto a elas, procura-se elencar significados, identificados nas narrativas e na experiência geral de campo.

Sobre a experiência fotográfica em campo, pode-se resumidamente lembrar e esclarecer que algumas fotografias podem, quando bem referenciadas, proporcionar uma ponte saudável para uma visita a um olhar mais ilustrativo dos significados de medo aqui apontados - sobre esse assunto, ver Etienne Samain (1998). Daí a importância da descrição feita acima, sobre o Porto do Capim. Acredita-se que, com um suporte textual (e, neste caso, descritivo), serão mais bem entendidas as imagens dos medos identificados que esse trabalho trata de expor. De qualquer forma, é possível que a experiência leve a uma reflexão alternativa que pode enriquecer a abordagem antropológica. No entanto, é sempre importante frisar a limitação da fotografia na *apreensão* da realidade - nada além de uma insistência sobre a necessidade de *referenciar a imagem* para seu *uso nas ciências sociais*. Sobre isso, ver Mauro Koury (1999 b).

* * *

Nos primeiros contatos com a comunidade chegou-se a algumas imagens representativas de medos (foto + tema + trecho de relatórios etnográficos). Este texto realiza um cruzamento entre uma parte selecionada do material de pesquisa, do que foi dito e do que foi fotografado, a fim de identificar e expor esses medos.

Os principais temas indicados pela própria comunidade como parte dos seus medos foram agrupados do seguinte modo:



- *Invasão à própria casa; sentimento de vulnerabilidade; vítima do posto de gasolina, de seus dejetos; (...) Certa vez, chegaram uns homens que pediram a Dona Maria que ela os deixassem abrir um buraco no muro de sua casa (o único muro de concreto, que é o muro que a divisa com a estação ferroviária), pois eles colocariam uns canos para passar "não sei o quê". Os homens abriram o buraco no muro (na foto acima, no centro escuro, entre a casa - à esquerda - e o*

muro - à direita) e não voltaram mais. Logo em seguida, resíduo de um posto de gasolina começou a passar dentro de seu terreno, há alguns metros de sua casa. Até hoje é assim, apesar de já fazer alguns anos disso ter acontecido. O cheiro de querosene e óleo é forte. Junto com esses resíduos há outros.(...)

(...) Há algum tempo atrás, um refugiado entrou em seu terreno para lá se esconder. Dona Maria ficou um dia e meio sem dormir, apavorada que estava. Uma outra vez, há uns dois anos atrás, um homem tentou seqüestrar a filha de um homem chamado Luís... Fugindo, ele entrou com o carro no Porto do Capim pela noite mas a polícia estava logo atrás dele. Aquela noite foi bastante tumultuada: cinco ou seis camburões, com policiais armados até os dentes, estavam lá para pegar o sujeito. A menina conseguiu escapar dele, e ele da polícia. Parece ter sido uma noite muito tensa.(...)

(...) Passamos também pelo bananal, plantado, já faz tempo, pelo pai de Dona Maria. Ela reclama sobre as freqüentes invasões em seu terreno. Homens desconhecidos passam por lá. Essas pessoas invadem e tiram frutas de lá, além de fazerem *raparigagem*. Dona Maria ilustra esse drama através do fato de nunca ter visto um côco bom para tirar, pois os invasores tiram tudo. Comenta ainda que, atordoada que vive devido a essa falta de privação e limpeza, gostaria de se mudar, sonhando com um lugar bem verde, que tivesse um rio para ela beber água. (...)

(...) Dona Maria vive bastante temerosa que seu terreno seja mais explorado ainda. Foi devido a essas invasões de pessoas estranhas que seus filhos pregaram uma placa numa das árvores do terreno, com os dizeres "*Não entre/ propriedade particular/ sujeito a punição*". Com o mesmo intuito, pagaram a uns trabalhadores para fazerem o portão da cerca, que a pouco tempo não havia. (...).

- *Invasão à propriedade alheia: estranhos circulam por casas e prédios nas proximidades;*

(...) Ela aponta, então, para o antigo prédio da Nassau (*foto ao lado*). Lá só fazem sujeira: jogam de tudo e fazem o que querem. O lugar fica fedendo por conta disso. Eu pergunto se ela sabe quem faz isso, se são moradores do Porto ou outras pessoas de fora. Ela, honestamente, então, responde que não



sabe quem é porque não vê quem faz. (...) Ela diz que é normal ver pessoas desconhecidas no bairro, vez por outra (...).

- *Risco de dormir na rua como antigamente; ladrões e policiais;*

(...) Segundo Dona Maria, os tempos mudaram bastante. Estas mudanças foram mais sentidas à uns 8 ou 9 anos atrás. Antigamente, afirma, como Seu Alagoas o fizera também, que no Porto do

Capim, era possível ficar até muito tarde na rua. (*na foto ao lado, uma rua do Porto*) Era possível mesmo dormir na rua, pois as ruas eram das pessoas. (...)

- Risco profissional; não ter a razão reconhecida pelo patrão e/ ou pela Justiça;

(...) O vigia se queixa que muitos patrões não deixam os vigias portarem revólveres. *"Como se pode proteger alguma coisa assim, desprotegido?"*. O vigia acredita que para os patrões basta a presença de alguém para assustar. Disso decorre a falta de proteção dos próprios vigias, uma vez que, este não é o caso do



que aconteceu aqui, há um certo tempo, com o antigo vigia que dividia o turno com Seu Alagoas. Ele aponta para Seu Alagoas (*acima, na foto, em frente a sua casa*) que, naquele momento, tinha dado as costas para falar com outra pessoa e se queixa de que ele só porta uma faca, sempre trabalhando, dia sim dia não, de 6h da noite até às 6h da manhã. Ele é muito corajoso. (...)

- O não-trabalho; os jovens não se preocupam em procurar trabalho;

(...) Dali, vemos mais jovens indo jogar futebol no campo (*na foto ao lado*), porém mais adultos e em bem maior quantidade do que os primeiros jovens que antes havíamos visto. Formavam dois times e esquentavam para iniciar o jogo. Dona Maria e Seu Alagoas teceram comentários sobre aquilo. Estavam tristes, pois estavam decepcionados com o fato daqueles jovens estarem jogando bola em vez estarem trabalhando. A senhora afirma que existem muitas formas de trabalho, que poderiam conseguir algum dinheiro, se manterem ocupados. Seu Alagoas concorda, e também faz algumas críticas. (...)

(...) Seu Alagoas comenta mais uma vez sobre a desocupação dos jovens hoje em dia. Aponta para o campo, que fica, praticamente, do lado de sua casa, e diz que ali era um local onde havia muitos caminhões carregando e descarregando. Faz algumas considerações valorativas do trabalho, sobre o Porto do Capim enquanto um local esquecido. Há falta de perspectivas, não há nada que se esperar. (...)

(...) Ele acredita que os jovens não têm muita vontade de saírem dali, pois acha que eles não conhecem outros lugares e que, assim como as pessoas mais velhas, já estão muito acostumados com o local para tentarem uma outra vida fora. Há muitas crianças. Muitas delas vivem hoje da ajuda do governo, mas Seu Alagoas tem orgulho de dizer que seus filhos não cresceram sustentados por cestas básicas do governo. Mas sim que devido a seu trabalho elas puderam crescer saudáveis. (...)

- *Descaso e sujeição de prédios antigos: não aproveitamento;*

(...) Os prédios velhos (*foto ao lado*) compõem uma paisagem atraente, talvez um convite a nostalgia. Mas por outro lado, revela o descaso com que eles, agora aparentemente sem utilidades comerciais, foram abandonados. (...)



- *Abandono, esquecimento: comunidade órfã do interesse econômico;*

(...) Comento então sobre a reforma que estava sendo feita nesses prédios antigos. Dona Maria, exaltada, vê positivamente a reforma do Centro Histórico. Acredita ser esse um trabalho

muito importante, pois com ele muitas coisas mudaram. Porém, lamenta que essa reforma tenha atingido poucos casarões (*ao lado, na foto, o pátio central de circulação no Porto*). Segundo ela, é necessário cuidar de todo o lugar, deixando tudo limpo e conservado. Ela espera que se estenda esta recuperação do Centro Histórico pelo restante da parte antiga da cidade. No entanto, pude notar que ela ressaltava a recuperação de um espírito que já não existia, mas que poderia significar uma ascensão econômica e de qualidade de vida para os moradores daquela região. Acredito que era, neste sentido, que ela concebia, ou ansiava, uma



mudança mais geral, a partir desta reforma, que é uma reforma mais particular. Precisamente, sua opinião é de que se o governo abrisse uma indústria, se reformassem o resto das casas e, por exemplo, abrissem um bom hotel, haveria empregos, além de mais pessoas de fora circulando pelo local, apreciando os prédios e vendo que a região não é tão carregada, como é conhecida, e aí – como me diria mais tarde Seu Alagoas – as pessoas não ficariam sem fazer nada, só recebendo cesta básica. (...)

- *Falta de perspectivas; nada a esperar do futuro;*

(...) O Porto está repleto de canoas abandonadas e quebradas (*foto ao lado*). Com sua margem cheia de lixo, entre algumas casas, forma uma paisagem diferenciada. É devido a esse degradado porto, o "próprio", que aquela pequena região, ao mesmo tempo no coração e às margens da cidade, entre o curtume e a casa de Dona Maria e cortado do resto da cidade pelo trilho da ferroviária, ganhou um nome. Informal, mas é o nome dali, é como todos a conhecem. Porto do Capim (...)



(...) O canal aberto desemboca direto no mangue, onde hoje em dia não se pega mais caranguejos, nem parece ser muito explorado. A sujeira no terreno de Dona Maria é realmente bastante grande. Em alguns momentos de nossa conversa, ela se expõe como se estivesse denunciando para algum fiscal da prefeitura. Eu apenas a observo e faço mais perguntas. Aquele terreno de barro, fortemente acidentado, delimitado pelo grande muro da estação ferroviária, pelo campo de futebol e, finalmente, pelo mangue denso da margem do rio é o espaço onde vive Dona Maria, com sua família. Mas, certas vezes, ela não se dá por satisfeita: gostaria de ir embora mas não tem para onde ir; ela fica e parece não haver muito o que esperar. (...)

* * *

A sociedade contemporânea, em sua condição de universo midiático, parece nutrir-se da emoção pública e o medo ocupa um espaço diferenciador dentro deste universo. A pesquisa, enquanto parte de um trabalho monográfico maior, espera ao seu final, identificar e compreender a existência de novas imagens dos diversos medos e mitos sociais que permeiam o universo urbano atual. Repensando a comunidade do Porto do Capim, reconstruindo sua história social, partindo da leitura de um material etnográfico lá realizado, consultando uma bibliografia sobre o sentimento do medo urbano e identificando imagens de medo na cidade, esta pesquisa procura tecer, como resultado, uma reflexão crítica sobre a vivência do medo e seus possíveis significados na sociedade paraibana, em seus dias atuais. Entende-os como elementos significativos formadores de sujeitos sociais e caracterizadores específicos de um determinado período de tempo e espaço, correspondente ao delimitado pela pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. (1994). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense (Série "Obras Escolhidas", vol. I).

BOSI, Ecléa. (1994). **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras.

BRESCIANI, Maria S.M. (1985). "Metrópoles: as faces do monstro urbano". **Revista Brasileira de História** 5 (8-9).

_____. (1994). **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (1998). **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora da UNESP.

CHAUÍ, Marilena. (1986). "Sobre o medo". In: NOVAES, Adauto (coord.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia. das Letras/ Funarte, pp.35-75.

DELUMEAU, Jean. (1989). **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Cia. das Letras.

DE SÁ, Lenilde D. (1999). **Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios: o serviço de higiene pública (1895-1918)**. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / USP, Programa Interunidades (Tese de Doutorado).

GEERTZ, Clifford. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

HONORATO, Rossana. (1999 a). **Se essa cidade fosse minha... A experiência urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária.

_____. (1999 b). **A cidade: entrevistas**. João Pessoa: Editora Universitária.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1999 a). "A dor como objeto de pesquisa social". **Ilha - Revista de Antropologia** 1 (0): 73-85.

_____. "Imagem e narrativa: ou, existe um discurso da imagem?". **Horizontes antropológicos** (12): 59-68.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1996). **Antropologia estrutural**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MAUSS, Marcel. (1929). "As civilizações: elementos e formas". In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.) **Mauss: antropologia**. São Paulo: Ática, 1979, pp. 181-195 (Col. "Grandes Cientistas Sociais", vol. 11).

_____. (1934). "Fenômenos gerais da vida intra-social". In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.) **Mauss: antropologia**. São Paulo: Ática, 1979, pp. 196-203 (Col. "Grandes Cientistas Sociais", vol. 11).

MORAIS, Regis de. (1981). **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense.

OLIVEN, Ruben George. (1995). **A antropologia de grupos urbanos**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.

PECHMAN, Sérgio & FRITSCH, Lilian. (1985). "A reforma urbana e seus avessos: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século". **Revista Brasileira de História** 5 (8-9).

SAMAIN, Etienne. (1998). "Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais". In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Mírian Moreira (orgs.). **Desafios da imagem**. Campinas: Papirus, pp. 51-62.

SEVCENKO, Nicolau. (1985). "Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe". **Revista Brasileira de História** 5 (8-9).

_____. (1994). **A Revolta da Vacina**. São Paulo: Brasiliense (Col. "Tudo é História").

STORCH, Robert D. (1985). "O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana". **Revista Brasileira de História** 5 (8-9).

NOTAS

1) Todas as fotografias inseridas no texto são de autoria de Márcio da Cunha Vilar.

2) Orientando do Prof. Mauro Guilherme Pinheiro Koury na disciplina "Estágio Supervisionado V" no período letivo 2000.1, onde atualmente desenvolve sua monografia de conclusão de curso.

3) Um painel sobre o presente trabalho fora apresentado na 52ª Reunião Anual da SBPC, realizado em Brasília, no mês de julho do ano 2000. Tendo como objetivo formular uma exposição mais ampla de algumas imagens contemporâneas de medo urbano, e assim explicitar melhor os sentidos dos medos apontados durante as atividades de campo, este artigo procura suprir algumas limitações do formato painel, a que foi submetida esta pesquisa, desenvolvendo argumentos mais completos (expostos oralmente quando de sua apresentação no SBPC) para a explicação das imagens apresentadas como representativas de alguns medos sociais na cidade de João Pessoa.

4) Vale aqui esclarecer que, como parte da disciplina "Estágio Supervisionado V" - onde praticamente é privilegiado as atividades de campo -, este trabalho consiste numa primeira interpretação etnográfica e que, assim, trata-se de um primeiro momento de uma pesquisa maior sobre medo urbano - pesquisa essa em pleno desenvolvimento.

5) Esse assunto, no entanto, parece ser bem mais complicado. Neste momento, caberia uma discussão mais aprofundada desta atitude por parte do pesquisador. A "abordagem" etnográfica pode ser ela mesma abordada

pelo seu "objeto de estudo" ao qual se sujeita? Caso sim, em que isso implica? A oportunidade de se observar a maneira como se aborda, como e o quê se questiona e é colocado, [neste caso, o próprio pesquisador] em tal ou tal lugar se abre, mas a custo do quê? Como aproveitar esta oportunidade sem arriscar as pessoas pesquisadas e a própria pesquisa?